

3

A Relação Leitor/Autor

3.1

O Leitor e a construção ficcional clariciana

Depois das considerações anteriores, que procuraram definir Clarice Lispector e seu fazer a partir dela própria, tendo como ponto de partida suas observações sobre a escrita e a autoria, este estudo partirá para a análise da relação leitor/autor por Clarice, privilegiando a investigação das crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*. Faz-se necessário, contudo, um esclarecimento no que diz respeito à figura do leitor, à sua construção pelo autor, tomando por base o fato de que o leitor real também é um leitor inventado pelo autor. Desse modo, o leitor real, aquele com o qual Clarice “dialogava” nos seus textos da mídia impressa, e que interessa a este estudo, existia em boa parte enquanto invenção dentro da obra. Afinal, este diálogo se restringe aos limites da ficção, já que só conhecemos o leitor clariciano por suas críticas (leitor especializado) ou pelo que a própria Clarice comenta deles em contatos que teriam sido pessoais, ficcionais ou não.

Também para subsidiar a investigação da relação leitor/autor, a partir dos textos publicados no JB, serão consideradas as correspondências que Clarice Lispector trocou com uma série de pessoas, ilustres ou desconhecidos. De autoria dela própria ou a ela enviadas, estas cartas revelam a importância que tinha para Clarice compartilhar suas inquietações, suas descobertas, suas dúvidas, sua produção literária. Mais do que isso, revelam a importância do diálogo com o outro, considerando que estas pessoas, todas seus leitores, participavam ativamente de sua vida pessoal e profissional. Neste caso, trata-se de material que foi retirado do seu acervo pessoal, ao contrário das cartas dos leitores do JB, que Clarice nunca publicou na mídia, apenas a elas fazendo referências em seus textos. Portanto, estamos diante de cartas que foram, de fato, enviadas ou recebidas pela autora. Para isso, será considerado o volume *Correspondências*, organizado por Teresa Montero (2002), que reúne 129 cartas, abrangendo quatro décadas da vida de Clarice, dos anos 40 até pouco antes de sua morte, em 1977.

Antes de revelar as contribuições que este trabalho tomou no que concerne às discussões envolvendo a relação autor/leitor/texto, são necessárias algumas ponderações a respeito da construção ficcional de Clarice. Remetendo à Bella Josef, em “Clarice: a invenção criadora”, artigo publicado no JB em 17 de dezembro de 1977, a autora parece construir seus romances sob os olhos do leitor e, além disso, manipula a ambigüidade de um presente onde tudo aparece de forma misturada, pois não existe a perspectiva selecionada e esclarecedora da distância temporal. Neste presente, ainda, até os próprios acontecimentos trocam de substância e de importância, dependendo do foco que se jogue sobre eles:

Clarice une existência e linguagem: ao lado de um aspecto intuitivo há uma ordenação lógica presidindo o ato criador. O leitor é levado a juntar os índices dos contos e romances para recompor a totalidade do real. Este é fragmentado com o intuito de dar uma visão plurissignificativa. A ação exterior, em geral, é abolida, em favor do momento que se arrasta e da busca psicológica de caracteres que se desintegram e de consciências surpreendidas no fluxo de idéias. (Josef, 1977: 2-3)

A ficção clariciana, nesse sentido, não tem a intenção de determinar a natureza de certos seres, mas a mais simples condição humana. Desse modo, a partir de fatos e personagens, em qualquer momento não determinado do tempo, realiza uma espécie de registro verbal da realidade. Ainda segundo Josef, nos contos e nos romances de Clarice Lispector surge um momento de auto-exame motivado por um fato externo, estimulando uma realização no leitor, mostrando-lhe uma imagem grotesca de si próprio.

As análises semiológicas desenvolvidas nos anos 80 por Philippe Hamon e M. Otten propunham como ponto de partida o detalhe do texto: no lugar de grandes modelos teóricos, análises pontuais, sempre bastante apuradas, que colocam em evidência esta ou aquela característica do ato de leitura. Numa tentativa de síntese, Otten (1982) propôs apreender a atividade de leitura a partir de três campos nitidamente circunscritos: o texto para ler, o texto do leitor, a relação do texto com o leitor. Estes trabalhos tomaram por empréstimo aspectos dos sistemas de Wolfgang Iser e de Umberto Eco, já que categorias como interação, intenção do texto, do leitor e do autor são seus pressupostos.

A leitura das crônicas de Clarice Lispector e de seu jogo com o outro considerará a figura do leitor real ou inventado, tal como sugerida pelos ensaios “A leitura como jogo” (1986) e “Ler o tempo” (1989), de Michel Picard. Foi a insuficiência dos modelos baseados nos destinatários teóricos que levou Picard a negar o leitor abstrato em favor do leitor real:

Os leitores teóricos... representam de fato um avanço científico interessante, mas seu caráter abstrato, narratório tomado no texto ou leitor “inscrito”, arquiteitor ou leitor modelo, “leitor” histórico-sociológico ou consumidor visado, tudo neles parece asceticamente, hipocritamente, fugir diante dessa obscenidade: o verdadeiro leitor possui um corpo, lê com ele. Ocultamos essa verdade tão imperceptível ! (Picard, 1989: 133)

Em “A leitura como jogo”, Michel Picard propôs analisar a recepção concreta dos textos literários a partir do modelo dos jogos, com a leitura adicionando dois tipos de atividades lúdicas essencialmente diferentes: o *playing* e o *game*. Estabelecendo a diferença entre estas duas formas: o *playing* refere-se aos jogos de representação ou simulacro, fundamentados na identificação com uma figura imaginária. Já o *game*, diz respeito aos jogos de tipo reflexivo, envolvendo inteligência e sentido estratégico. Assim, a leitura seria jogo de representação e jogo de regras: quando o leitor está diante de um romance, por exemplo, é impossível não se identificar com tal personagem, do mesmo modo que é impossível não respeitar um determinado número de convenções, códigos.

E é neste sentido que o texto pode regular, da forma como melhor lhe convém, a implicação do leitor. Por isso, as técnicas de narração permitem controlar o investimento feito na ficção. Remetendo a Picard, podemos entender que, no ato da leitura, o *game* disciplina o *playing*. Esta posição de Michel Picard nega o leitor desencarnado dos modelos de Iser e Eco e, apesar das diferenças que mantêm umas com as outras, o paradigma da sua como destas teorias é o da recepção, transformando o leitor em sujeito ativo de um processo que se abre para muitas interpretações.

Além da consideração do leitor real – o denominado leitor empírico, que toma o livro nas mãos e o lê - e dos sistemas que inegavelmente voltam suas atenções para o aspecto recepcional da obra, este estudo supõe o estabelecimento, na relação que Clarice Lispector manteve com seus leitores, de uma leitura

(quase) ideal, embora não se confunda com leitura modelo. Esta demandaria, por um lado, um texto plural e, por outro, um leitor ativo, disposto – dentro do campo quase infinito dos significados oferecidos pelo texto – a trabalhar com seu imaginário. Voltando às formulações de Eco (1979), o leitor-modelo, que implica uma abstração, é sempre um elemento em construção, um objetivo do texto, uma meta que o texto persegue, um perfil ideal solicitado por cada texto. Portanto, o leitor-modelo não impõe sua comprovação física, uma vez que existe enquanto mais um elemento dentro do jogo ficcional:

Um romance de Clarice Lispector não tem, claro, o mesmo leitor-modelo de um romance de Rubem Fonseca, e nenhum deles se aproxima do leitor-modelo de Guimarães Rosa. Cada texto, portanto, pelas características de sua construção ficcional, pede um tipo diferente de leitor, ao mesmo tempo que ajuda a criar esse leitor, a construí-lo. (Carneiro, 2001: 39)

Como propôs Flávio Carneiro (2001), no prefácio de *Entre o cristal e a chama*, se pensamos em uma tipologia de autores, cada qual com um modo particular de construir sua estratégia textual, podemos pensar igualmente em uma tipologia de leitores. Neste caso, os leitores claricianos seriam aqueles dispostos a investir no texto, fazê-lo apresentar-se e revelar-se. No caso específico do conto *Felicidade Clandestina*, os leitores tornaram-se amorosos, como será visto mais adiante, e também leitores em ritmo de espera. Amorosos porque o livro se torna para uma das personagens uma cintilação sedutora, não representando apenas papel e tinta. Leitores em situação de espera porque o encontro com o amante, que se dá no próprio ato de leitura, fica cada vez mais sedutor à medida que é adiado.

Nosso estudo da escrita clariciana se debruça sobre este leitor real, de carne e osso, que semanalmente abria, lia, dobrava, carregava consigo o suplemento literário do JB e que aparece apenas entre cartas mencionadas nas crônicas, se imiscuindo na vida/obra da autora. Foi empreendida uma verificação das cartas que Clarice teria recebido como retorno dos leitores a partir dos textos que escrevia no acervo da Casa Rui Barbosa, museu de literatura. Na verdade, estas cartas não foram publicadas pela autora no JB, com raras exceções, como, por exemplo, a carta recebida da atriz Fernanda Montenegro, reproduzida por Clarice no Jornal. As possíveis respostas dos leitores se transformaram em

citações introduzidas nos textos publicados pela autora na mídia impressa. Se eram verdadeiras e quais eram, de fato, ficcionais, são indagações incapazes, por enquanto, de ter respostas definitivas, categóricas.

3.2

A busca do encontro amoroso

A partir da consideração da trajetória literária de Clarice Lispector como marcada por dois movimentos interativos, o primeiro revelando uma autora introspectiva, estabelecendo um monólogo em grande parte dos textos que produziu, e o segundo apontando para uma autora em busca do diálogo com o outro, este trabalho vem tentando focalizar, em seus aspectos gerais, a fase de diálogo e parceria que Clarice estabeleceu com seus leitores. Diálogo e parceria que estiveram presentes principalmente na coluna semanal do *Jornal do Brasil* e que ficarão mais evidenciados nesta parte do estudo com a releitura das crônicas.

Antes de chegar à fase de parceria com seu leitor, que será visitada nesta análise da relação leitor/autor, Clarice Lispector percorreu um longo caminho. O que se quer dizer com isso? A proposta é entender que antes de descobrir no leitor, parceiro de um encontro amoroso que ela tanto buscou ao longo da sua vida/ficção, Clarice fez outras tentativas, percorreu outros caminhos, tentou outros parceiros correspondentes e amigos que confessaram sobre ela, mais respeito sobre sua excentricidade que propriamente, comunicação e compreensão. Até chegar à escrita dos seus últimos anos, sua obra percorreu uma trajetória marcada pela tematização dos dramas da linguagem. Trajetória esta que inclui o exercício do discurso amoroso, que redundará nos romances, com frequência, no fracasso da comunicação amorosa. Diante deste fracasso, Clarice vislumbrará como saída o caminho do diálogo e do encontro amoroso com seu leitor.

Tomando como ponto de partida a tese *Da incomunicabilidade no diálogo amoroso: escrita clariciana*, de Cleonice Vaz de Carvalho Ribeiro Pinto (1988), vemos como a pesquisadora percorre a obra de Clarice, entendendo como ocorreu a desorganização do diálogo entre Feminino e Masculino, diretamente proporcional ao esgarçamento da narrativa tradicional. O diálogo amoroso se esvai, do mesmo modo que o narrar clássico.

Em *Perto do coração selvagem*, *O lustre*, *A cidade sitiada* e *A maçã no escuro* já aparece uma escrita que objetiva desvencilhar-se dos padrões tradicionais, contudo, ainda presa, em vários momentos, às técnicas usuais. Em *A paixão segundo G.H.*, por sua vez, a autora decide realizar uma verdadeira peregrinação interna, um mergulho no sentido do “coração selvagem da vida”. Já em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, Lóri e Ulisses ensaiam um aprendizado amoroso onde o Masculino adquire uma expressão maior a partir da revelação do Feminino. Finalmente, em *Água viva*, podemos observar o grande divisor de águas: a narrativa clariceana estilhaçada, aos pedaços. O livro se traduz em uma contraposição entre trechos longos, em prosa, e outros bastante curtos e sonoros, mais próximos de versos. Depois desta experiência de “fisgar”, “capturar” a palavra, Clarice, em *A hora da estrela*, revela a dissonância do diálogo amoroso, traduzida no insucesso e na dor da jovem e ingênua Macabéa.

Enfim, já na parte final do percurso romanescos que se propôs a cumprir, a autora consegue atingir uma relação amorosa – possível - com seus leitores. Um compasso, uma história de amor bem sucedida, explicitada nas páginas do romance *Um sopro de vida* e nas confissões, revelações e experiências que trocava com aqueles que liam e respondiam aos seus textos. É justamente este o período que abrange a participação de Clarice na mídia impressa, especificamente no que interessa a este estudo, a sua colaboração semanal para o JB.

Em *Um sopro de vida*, obra escrita em três anos, Clarice nos coloca diante não mais de um par amoroso, porém, de um criador e uma criatura, ambos escritores. O narrador, em primeira pessoa, nos apresenta um autor e sua protagonista, Angela, igualmente uma escritora:

Este narrador finda o texto considerando: Quanto a mim, estou. Sim. O pressentimento da morte física fá-lo deslocar a questão do ser para o estar, isto é, o permanecer ou, possivelmente, o ser imortalizado a partir de sua obra, o que reativaria os temas recorrentes clariceanos – identidade, tempo e espaço. Em seu último romance, Clarice tensiona a narrativa, reflexo do estado de espírito do protagonista, não mais entre o ser-não/ser característico de *Água viva*, mas entre o ser e o estar. (Vaz, 1988: 125)

Vaz chama a atenção ainda para o fato de que a luta entre o ser e o existir, ou estar, atinge o seu clímax no último livro de Clarice. Lançando mão de várias metáforas do cotidiano, como “beco sem saída”, “morrer de amor”, ela leva o pensamento do leitor para a duração da rotina. Em *Um sopro de vida*, Clarice conduz o leitor para estar no mundo daquela Clarice personagem que, entre outras atividades rotineiras, adorava assistir as novelas de Janete Clair, ir à feira, banhar-se no mar de Copacabana.

Cleonice Vaz lembra que, em *Um sopro de vida*, “as dicas para os leitores, quanto à almejada e necessária cumplicidade autor-leitor, estão bafejadas através do texto” (Vaz, 1988:127). E cita: *Uma palavra é a mentira da outra. Quero exigentemente que acreditem em mim. Quero que acreditem em mim até quando minto* (Lispector, 1998: 93). A pesquisadora anota que, após a constatação da impossibilidade de realização do par amoroso masculino-feminino, em *A hora da estrela*, Clarice insinuou, já em *Um sopro de vida*, a possibilidade do encontro amoroso autor-leitor. Com isso, a paixão literária acaba prevalecendo sobre a erótica:

O compasso amoroso torna-se mais provável entre o par autor-leitor, em função da maior probabilidade de superação das convenções, uma vez assegurada a confiança do público. No entendimento de Clarice, a compreensão do leitor depende muito de sua atitude na abordagem do texto, de sua predisposição, de sua isenção de idéias preconcebidas (Vaz, 1988: 129).

Depois da constatação da relação amorosa estabelecida entre Clarice e seus leitores, ao mesmo tempo que sua narrativa vai cada vez mais superando as próprias convenções, como detectar na escrita fragmentada da autora suas marcas? Obviamente, se fosse levada a cabo a tarefa proposta pelas abordagens estruturalistas, o fracasso seria certo. Por isso, torna-se pertinente considerar os estudos surgidos com a expansão da pragmática, ramo particular da lingüística desenvolvido a partir dos anos 60, que sublinharam a importância da interação no discurso, seu efeito sobre o receptor.

Estes estudos se apresentaram, sem dúvida, como mais adequados à investigação dos textos literários, em especial daqueles textos, como os de Clarice, que se afastam de fórmulas pré-estabelecidas, de uma estrutura linear, cronológica, com início, meio e fim. Nesse sentido, a linguagem dos textos da

autora serve muito pouco à informação, mas, sobretudo, à ação sobre o outro. Conseqüentemente, para entender o conjunto das suas crônicas é imperativo apreender a relação mútua autor/leitor.

A intervenção dos leitores, quando consideramos que ela realmente existiu, imaginária ou factualmente, comentando através de cartas e telefonemas suas impressões sobre os textos de Clarice Lispector, acaba gerando um segundo texto, produzido pela autora e revela, fundamentalmente, a intervenção interpretativa do destinatário, durante anos deixada de lado pelos métodos estruturais e reconsiderada pelas discussões que deslocaram o estudo, antes puramente textual, para a relação leitor/texto. Como ressaltou Umberto Eco, na série de estudos escritos entre os anos de 1976 e 1978, reunidos em *Lector in fabula* (1979), sobre a mecânica de cooperação interpretativa do texto, é inevitável a intervenção do leitor e a maneira como o texto a prevê:

Se, conforme se evidenciará paulatinamente, o texto é uma máquina preguiçosa, que exige do leitor um renhido trabalho cooperativo para preencher espaços de não-dito ou de já-dito que ficaram, por assim dizer, em branco, então o texto simplesmente não passa de uma máquina pressuposicional (Eco, 1979: 11).

Desse modo, Umberto Eco, com sua abordagem semiótica, postula uma análise de leitura cooperativa, cujo objetivo, semelhante ao de Wolfgang Iser e sua Teoria do Leitor Implícito (1974), é estudar as formas pelas quais o texto programa sua recepção e as formas pelas quais o leitor responde às solicitações das estruturas sociais. Para Eco, não é suficiente que se considere apenas a liberdade do leitor interpretar um texto, a chamada intenção do leitor, nem tampouco ater-se à intenção do autor ao escrever a obra. É fundamental que se considerem também as intenções do texto. Neste contexto, autor e leitor são entendidos como tipos de estratégias textuais: o autor prevê um leitor-modelo e move o texto com o objetivo de construí-lo, capaz de cooperar para a atualização textual. Trata-se, portanto, o leitor-modelo como “um conjunto de condições de êxito, textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial” (Eco, 1979: 45). Segundo Eco, o leitor empírico, para realizar-se como leitor-modelo, tem deveres filológicos e deve recuperar os códigos do emitente, as indicações de leitura do autor. Assim,

não chegará a fazer interpretações absurdas. Mas é isto que se espera de um leitor: que ele decifre as intenções do autor e do texto?

Na análise dos textos de Clarice Lispector, selecionados para este estudo, fica evidente que além do leitor implícito proposto por Iser, para quem o texto literário direciona a leitura do leitor, que reage cognitivamente aos percursos sugeridos pelo texto – e que, de acordo com Umberto Eco, o próprio texto, enquanto máquina preguiçosa, supõe - existe a contribuição do leitor empírico, com seu contexto historicizado e com sua história (acervo) de vida. Este último é aquele que traz para o texto a sua subjetividade, que passa, por sua vez, por outras subjetividades. Este leitor empírico pode ter “acabado”, em última instância, presente na constituição dos textos ficcionais da autora.

A repercussão dos textos de Clarice Lispector aponta para o processo dinâmico de produção e recepção e para a relação dinâmica entre autor, obra e público. O diálogo com os leitores na coluna semanal do JB reforça também a formulação proposta por Jauss e a Teoria da Estética da Recepção:

A recepção da arte não é apenas um consumo passivo, mas sim uma atividade estética, pendente da aprovação e da recusa, e, por isso, em grande parte não sujeita ao planejamento mercadológico. (Jauss, 1979:80).

Nesse sentido, pode-se perceber também que existe nos textos do JB uma relação de reciprocidade estabelecendo-se com o leitor, dentro da perspectiva de literatura relacional proposta pela Estética da Recepção. Agora, texto e leitor entendidos como uma relação e não dois elementos separados. A retomada, pela Estética da Recepção, dos pressupostos teóricos da sociologia do conhecimento, utilizados para entender o processo da recepção literária, tem débito para com Berger e Luckman (1987), que ao proporem, em “Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana”, uma análise sociológica da realidade da vida cotidiana, destacam ser esta realidade, por excelência, um mundo intersubjetivo:

A realidade da vida cotidiana, além disso, apresenta-se a mim como um mundo intersubjetivo, um mundo de que participo juntamente com outros homens. Esta intersubjetividade diferencia nitidamente a vida cotidiana de outras realidades das quais tenho consciência. Estou sozinho no mundo de meus sonhos, mas sei que o mundo da vida cotidiana é tão real para os outros quanto para

mim mesmo. De fato, não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros. (Berger & Luckmann, 1987: 40)

Retomada por Wolfgang Iser, a psicologia social, assim como a sociologia do conhecimento, inspirou o teórico na elaboração do modelo de interação texto/leitor. Na verdade, este modelo foi adaptado da psicologia e passou a entender o receptor como elemento de um processo relacional. No ensaio “O si mesmo (self) e o outro”, do livro *Percepção Interpessoal*, de Laing, Phillipson e Lee, pode ser observada esta nova teorização do sujeito, para a qual a base fundante do indivíduo é a interpessoalidade:

Meu campo de experiência, contudo, não se preenche apenas com a visão direta de mim mesmo (ego) e com a visão do outro (alter), senão também com o que chamaremos de metaperspectivas... minha visão da visão que o outro tem (você, ele, ela, elas) de mim ... Efetivamente, sou incapaz de ver-me como os outros me vêem, mas constantemente suponho que eles me vêem de maneiras diferentes, e eu estou constantemente atuando à luz das atitudes, opiniões, necessidades, etc, reais ou supostas que o outro tem em relação a mim (Laing, Phillipson, & Lee, 1972: 12).

Como o indivíduo existe a partir da relação com o outro, sendo portanto a identidade uma construção interativa, a sociedade é uma entidade relacional e não apenas um grupo de indivíduos. A leitura entendida como um processo relacional em que texto e leitor não estão em lados opostos, sendo cada leitor também construtor de sentido de uma obra, é um dado que pode ser atestado pela intenção que os leitores de Clarice Lispector explicitaram e ela registrou em seus textos. Além disso, se considerarmos que a construção de um indivíduo se faz em contato com seu mundo exterior, a construção de um autor se faz em contato com seu “outro”.

A relação entre autor e leitor entendida com uma interação, ou seja, uma relação de reciprocidade, onde os dois interlocutores se modificam, representou uma mudança de paradigma na história da literatura no final da década de 60 e ampliou o conceito de literatura para um conceito comunicacional. Não se trata mais, portanto, de um modelo dicotômico, mas de um processo interativo onde aquilo que emerge é permanentemente negociado. Conseqüentemente, atrás das

narrativas não existe de fixo, absolutamente nada, o que se poderia chamar de “o autêntico”, mas são os leitores que constroem sentido a partir das suas percepções.

É justamente o que acontece com o leitor dos textos de Clarice Lispector, construtores de sentido, interlocutores, como a própria autora, num evento dentro de um determinado espaço. Um espaço de influências recíprocas, como atesta a obra, com o aproveitamento que Clarice Lispector fez das respostas e sugestões que os leitores faziam sobre o que escrevia. Mesmo que, muitas vezes, estes leitores tenham sido inventados pela autora, ela teve necessidade deles para criar e criar-se.

Neste sentido, pode-se entender o texto como um diálogo infundável, representando um golpe decisivo no conceito de texto como unidade fechada. Afinal, nos textos de Clarice, quando ela permitiu o diálogo mais explícito com seus leitores, a verdade passa a ser determinada pela interação. Trata-se, logicamente, de um processo entre parceiros: uma autora num movimento de abertura, tentando se conhecer e se descobrir a partir do outro, do seu leitor, que, através dela, se descobre e constrói.

É oportuno ainda remeter às considerações de Iser, em “O repertório do texto”, que considera o texto ficcional como comunicação e a leitura como relação dialógica. Assim, o texto é uma virtualidade, que se atualiza no sujeito (leitor), sendo os significados produzidos por este leitor modificados no processo de leitura. Aqui, convém indagar sobre as atualizações feitas pelo leitores de Clarice Lispector, a partir das leituras que faziam do material publicado no JB. Dessa forma, torna-se clara a relação dinâmica entre texto e leitor:

A relação entre texto e leitor se atualiza porque o leitor insere no processo da leitura as informações sobre os efeitos nele provocados; em consequência, essa relação se desenvolve como um processo constante de realizações. O processo se atualiza por meio dos significados que o próprio leitor produz e modifica ” (Iser, 1996: 127).

Como ressalta Iser, em “A interação do texto com o leitor” (1979), “o que reciprocamente não nos é dado, forma, contudo, a base constitutiva das relações interpessoais, que Laing descreve apenas como “No thing”. Aquilo que realmente está “entre” não pode ser nomeado por coisa alguma que aí aparece. O entre é em

si mesmo nonada (no-thing)” (Iser, 1979: 83-132). Este vazio é fruto da relação diádica que se constrói "como processo" e "na contingência" – contingência entendida como complexidade em que a certeza desaparece. Contudo, como falta à relação leitor/texto a situação “face a face”, o leitor nunca retira do texto a certeza de que sua compreensão é a justa. Falta à esta relação um quadro de referências e o equilíbrio só pode ser alcançado pelo preenchimento do vazio, sendo este vazio constitutivo constantemente ocupado por projeções, pois não se trata de falta, mas de suplemento. No final do processo, os leitores constroem sentido a partir das suas interpretações.

3.3

As crônicas e o diálogo com o leitor

Embora em várias situações Clarice Lispector tenha destacado o fato de que o mais importante era a palavra, a “coisa” em seu estado bruto, os leitores e os diálogos com eles estabelecidos foram cruciais na busca da essência mesma das “coisas-palavras”. Cumpre citar trecho de entrevista dada em vida pela autora ao *Jornal do Brasil*, quando afirmou, ao ser questionada se a originalidade estilística e técnica ajudava ou prejudicava a popularidade do escritor em relação ao grande público: “Quando escrevo não penso no leitor possível e nem mesmo em mim: é a Coisa o que importa”.¹ A coisa, nonada. A coisa, inventada. A coisa: o real do ficcional.

A partir desta resposta, contudo, talvez a autora estivesse tentando escapar de ser rotulada como uma escritora profissional, aquela que escreve preocupada em agradar ao gosto do grande público. Isso não quer dizer, todavia, que ela negava a importância do público e das suas contribuições. Se não estabelecia limites entre a vida e a arte, nada mais coerente do que buscar para a sua ficção material no dia-a-dia, no cotidiano, que incluía pessoas, leitores, opiniões, trocas, enfim.

Na crônica “São Paulo” (JB,19.10.68), podemos observar a intervenção do leitor e o retorno dado por Clarice a partir desta intervenção. Curiosamente,

¹ PINHEIRO, Nevinha. *Clarice, pela última vez*. Matéria publicada postumamente no *Jornal do Brasil*, em 15.12.77, reproduzindo entrevista concedida por Clarice Lispector.

trata-se de uma leitora ilustre, a atriz Fernanda Montenegro, que desabafa sobre o momento de repressão pelo qual passava o Brasil:

De São Paulo recebi uma carta de Fernanda Montenegro. Telefonei-lhe pedindo licença para publicá-la. Foi dada:

“Clarice é com emoção que lhe escrevo pois tudo o que você propõe tem sempre essa explosão dolorosa. É uma angústia terrivelmente feminina, dolorosa, abafada, educada, desesperada e guardada.

Ao ler meu nome, escrito por você, recebi um choque não por vaidade mas por comunhão. Ando muito deprimida, o que não é comum. Atualmente em São Paulo se representa de arma no bolso. Polícia nas portas dos teatros. Telefonemas ameaçam o terror para cada um de nós em nossas casas de gente de teatro. É o nosso mundo.

E o nosso mundo, Clarice ?” (Lispector, 1999:145)

Contudo, também aparecem respostas de Clarice a leitores desconhecidos, como “L. de A”, de Cabo Frio, reproduzida no texto “Outra Carta” (JB, 24.02.68). Neste caso, não podemos assegurar a existência concreta destes leitores, mas o que importa, se Clarice lhes deu vida e dialogou com eles, publicamente?

Esta vem de Cabo Frio, as iniciais são L. de A. A carta parece revelar que quem a escreveu só começou a me ler depois que passei a escrever no Jornal do Brasil, pois estranha meu nome, diz que bem que podia ser Larissa. Talvez em resposta a algo que eu tenha escrito aqui, diz que “o escritor, se legítimo, sempre se delata”. E termina sua carta dizendo: ”Não deixe sua coluna sob o pretexto de que pretende defender a sua intimidade. Quem a substituiria ?”

Por enquanto, L.de A., não estou largando a coluna: mas aprendendo um jeito de defender minha intimidade. Quanto a eu me delatar, realmente isso é fatal, não digo nas colunas, mas nos romances. Estes não são autobiográficos nem de longe, mas fico depois sabendo por quem os lê que eu me delatei.

No entanto, paradoxalmente, e lado a lado com o desejo de defender a própria intimidade, há o desejo intenso de me confessar em público e não a um padre. O desejo de enfim dizer o que nós todos sabemos e no entanto mantemos em segredo como se fosse proibido dizer às crianças que Papai Noel não existe, embora sabendo que elas sabem que não existe. (Lispector, 1999: 78-79)

Embora tenha criado um público leitor eclético, foi das leitoras que Clarice recebeu maior retorno, pelo menos são mais numerosas as citações que faz delas, em *A descoberta do mundo*. No texto “Dies Irae” (JB, 14.10.67), a autora escreve

sobre uma delas, Thereza, que foi visitá-la na época em que esteve internada em decorrência do incêndio em seu apartamento. Na maior parte do texto, num tom de desabafo, diz que amanheceu em cólera e faz inúmeras afirmações a respeito da vida, do sistema social, da fome e da guerra no mundo, do amor, enfim, de variados temas. Já na parte final, destaca o encontro que teve com a leitora Thereza:

Não, não tenho pena dos que morrem de fome. A ira é o que me toma. E acho certo roubar para comer. – Acabo de ser interrompida pelo telefonema de uma moça chamada Teresa que ficou muito contente de eu me lembrar dela. Lembro-me: era uma desconhecida, que um dia apareceu no hospital, durante os quase três meses onde passei para me salvar do incêndio. Ela se sentara, ficara um pouco calada, falara um pouco. Depois fora embora. E agora me telefonou para ser franca: que eu não escreva no jornal nada de crônicas ou coisa parecida. Que ela e muitos querem que eu seja eu própria, mesmo que remunerada para isso. (Lispector, 1999: 38).

Da referência que faz à sua máquina de escrever, em “Gratidão à máquina” (JB, 20.01.68), ao telefonema que recebeu de uma leitora anônima, que será analisado em texto a seguir, Clarice está constantemente dividindo suas angústias diante da palavra com aqueles que, por seu turno, são os receptores destas mesmas palavras. Parece mesmo que ela pedia o tempo todo para que eles a ajudassem no processo do seu autoconhecimento. Por isso, lamentava não poder responder todas as cartas que recebia, como em “Adeus, vou-me embora” (JB, 20.04.68):

Não posso infelizmente responder cartas de leitores, só uma vez ou outra. Mas houve uma que misturava agressividade com palavras delicadas, tinha a chamada rude franqueza. Porque em uma de minhas colunas eu disse que preferiria ser antipática, ele diz: “Não vou cometer a leviandade de dizer que a acho simpática, cheia de altos e baixos, mas sou bastante vulgar para considerá-la linda.

Diz que me conheceu mas tenho péssima memória e nem sequer consigo visualizar uma pessoa com esse nome. Diz:” Algumas coisas a tornam uma digna compatriota de Tchecov. Outras a identificam com os daqui mesmo. Não de Cruz Alta ou Montes Claros, mas de Bagé ou Cascadura”. Meu filho, eu não me incomodo a mínima em ser Bagé ou Cascadura. E eu escrevo para quem quiser me ler. Você, Francisco, reclama demais, às vezes com razão, às vezes não. Não fico nem por um instante irritada: eu mesma me criei uma vida onde eu posso dizer tudo e ouvir tudo.

Mas na sua carta fico sem saber vários trechos se sou a ofendida ou a elogiada.

Você reclama contra o meu desalento. Tem razão, Francisco, sou um pouco desalentada, preciso demais dos outros para me animar. Meu desalento é igual ao que sentem milhares de pessoas. Basta, porém, receber um telefonema ou lidar com alguém que eu gosto e minha esperança renasce, e fico forte de novo. Você na certa deve me ter conhecido num momento em que eu estava cheia de esperança. (Lispector, 1999: 93-94)

Em “Um telefonema” (JB, 04.02.68), destaca uma leitora anônima, que ligou desejando votos de felicidade:

O telefone tocou, eu atendi, chamaram por mim. Em geral pergunto quem é porque nem sempre estou disposta a ser chateada. Mas dessa vez, alguma coisa na voz, doce e tímida, me fez dizer que era eu mesma que estava ao telefone. Então a voz disse: sou uma leitora sua e quero que você seja feliz. Perguntei: como é seu nome? Respondeu: uma leitora. Eu disse: mas eu quero saber seu nome para poder dizê-lo ao desejar que você seja feliz. Mas foi inútil, ela não tinha sequer diante de mim a vontade de aparecer como pessoa que é. Era o anonimato completo. (Lispector, 1999: 73)

Neste texto, talvez estejamos diante de um artifício utilizado por Clarice Lispector para justificar o fato de que, em várias ocasiões, não divulgava o nome dos leitores. Não teria sido esta leitora um personagem criado pela autora, com quem ela estabeleceu um diálogo para explicar o anonimato em que mantinha seus interlocutores? Afinal, Clarice insiste, mas a moça não revela seu nome, apenas deseja que ela seja feliz. Não teria Clarice Lispector se referido insistentemente aos seus leitores utilizando apenas as iniciais dos nomes como artifício para transformá-los todos em personagens? Se para ela a vida é linguagem, escrita e palavra, todos são personagens. Tudo é ficção.

Na crônica “Oi, Chico!” (JB, 23.03.68), lembra a jovem leitora, que acompanhava sua escrita em um jornal de Porto Alegre. Aqui, além do retorno recebido de uma leitora de outro estado, verifica-se que Clarice se dirige a uma leitora que realmente pode ter existido, e mais, convocando Chico Buarque a interagir:

Oh, Chico Buarque, pois não é que recebi uma carta de uma cidade do Rio Grande do Sul, Santa Maria, a respeito de você e de mim? É o seguinte: a moça me lê num jornal de Porto Alegre. E, muito jovem, diz que sente grande afinidade comigo, que eu escrevo exatamente como ela sente. Mas que sua maior afinidade comigo vem do fato de eu ter escrito sobre você, Chico. Diz: "Eu, como você, tenho uma inclinação enorme por ele. Achava eu que esta inclinação (que é motivo de troça de meus amigos) era um pouco de infantilismo meu, talvez uma regressão à infância, mas lendo seus bilhetes descobri que não, que a razão é justamente conforme suas palavras: ser ele altamente gostável e possuir candura. Você também tem candura, que se percebe ao ler uma só linha sua". (Lispector, 1999: 85)

A identificação entre Clarice e as leitoras foi, muito provavelmente, responsável pela citada predominância de cartas de mulheres enviadas à autora. Esta identificação - remetendo à análise de Marina Colasanti (2003), no artigo "Por que nos perguntam se existimos", do volume *Leitura: um cons/certo*, quando defende o lugar e o valor da literatura das mulheres, localizada, por imposição da sociedade paternalista, atrás do espaço masculino já reconhecidamente existente - revela a peculiaridade da escrita de autoria feminina. Escrita que, sem dúvida, repercute de forma contundente entre as leitoras: "Se homens e mulheres utilizam o cérebro de maneira diferente ao falar, e se, ao que tudo indica, o utilizam de maneira diferente para ler, parece apenas lógico que o utilizem de maneira diferente também para escrever" (Colasanti, 2003: 88)

Foi justamente esta repercussão da escrita entre as leitoras que Clarice aproveitou, ao que tudo indica, na constituição de suas personagens. Personagens predominantemente do sexo feminino, pelo menos é assim sempre no caso das protagonistas, divididas entre a realidade comportada da vida cotidiana e a grande aventura de viver, experimentada a partir dos momentos de revelação, de epifania. Foi assim com Lóri (*Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*), uma jovem tentando descobrir o amor; com Joana, a criança consumida pelas mesmas questões existenciais que Clarice, sem idade certa, pulando da infância à adolescência e desta à maturidade (*Perto do coração selvagem*); com Virgínia (*O Lustre*); com Lucrécia, a jovem namoradeira (*A cidade sitiada*).

Fica claro, portanto, que o diálogo com os leitores empíricos pode ter contribuído na constituição das personagens (mulheres) que povoam a ficção clariciana. Jovens, donas de casa, ingênuas, angustiadas, culpadas, estas

personagens em muito se assemelham às mulheres que dialogaram com a autora. Afinal, foi a própria Clarice que declarou, em “Escândalo Inútil” (JB,27.04.68) :

Sei que corro o risco de escandalizar leitoras e leitores. Não sei explicar por quê, mais aos leitores que as leitoras.
 Como começar, senão pelo princípio ? E o início é um pouco brutal. Preparai-vos. Eu simplesmente entrevistei uma dona de pensão de mulheres, de uma chamada casa suspeita.
 Está dito. Asseguro-vos porém que não deveis me temer: meus motivos eram e são límpidos. Sou inocente. (Lispector, 1999: 96)

Neste texto, depois de declarar sua maior aproximação com as leitoras, Clarice narra o encontro que teve com a proprietária de uma casa de mulheres, à qual denominou “dona Y”. Na verdade, ele teria surgido da necessidade que sentiu de entrevistar uma prostituta. Enquanto narra alguns desencontros e finalmente o encontro bem sucedido, na Praça José de Alencar, a autora confessa aos leitores opiniões suas a respeito da prostituição. Além de um problema de ordem social, para ela tratava-se de uma fuga do amor empreendida por muitas pessoas.

Outra referência ao retorno recebido de uma leitora foi explicitada por Clarice no texto “Ana Luísa, Luciana e um polvo” (JB,23.03.68). Dessa vez, tratava-se de uma leitora que morava em frente ao apartamento da autora, e que declarava-se impressionada com os textos publicados no JB. Para presentear Clarice, levou um polvo ao visitá-la:

Pois não é que eu estava esperando a visita de um amigo, e tocam a campainha; pensei: ele disse que telefonaria de novo mas deve ter resolvido vir direto. Abro a porta, não era ele. Era uma mulher moça, descabelada, com voz atraente, um *Jornal do Brasil* na mão e na outra um embrulho estranhíssimo. Ela me diz com a maior afobação: “Sou tímida mas tenho direito de ter meus impulsos; o que você escreveu hoje no jornal foi exatamente como eu sinto; e então eu, que moro defronte de você e assisti o seu incêndio e sei pela luz acesa quando você tem insônia, eu então trouxe um polvo para você.”

Fiquei boquiaberta. Depois me refiz e convidei-a a entrar. Ela é uma tímida que vence a timidez falando aos borbotões, em jatos impetuosos, sem parar. É Ana Luísa. Fiquei sabendo em minutos de parte da sua vida: tem uma menina de sete ou nove anos, Luciana, e um menino de três. Depois vim a saber que Luciana é doida por animais, por Coelhoos especialmente – terminei

mandando-lhe minha história de mistério do coelho pensante – e que desenhava muito bem. A chuva ela desenhou e disse: “Isso é uma nuvem chorando em cima da flor.” Gostei logo da menina. Bem, mas e o polvo? (Lispector, 1999: 86)

Na primeira parte deste trecho selecionado, podemos perceber que existe referência a uma forte cumplicidade que teria se estabelecido entre Clarice e seus leitores. Afinal, a leitora Ana Luíza - e neste texto Lispector cita o nome, sem indicar apenas as iniciais, como era seu costume fazer – já chega ao apartamento afirmando ter sentido o mesmo que a autora ao ler sua crônica. Ela também menciona o incêndio que mutilou Clarice e que teria presenciado da janela de seu apartamento. Em seguida, na segunda parte do texto, Lispector declara que ficou imediatamente sabendo de detalhes da vida da leitora, como a existência de seus dois filhos. Com isso, ficamos diante de um quadro que se tornará constante: a figura da mulher, mãe, que tem e guarda sentimentos mas, sem dúvida, tem igualmente uma grande necessidade de expressão, de ser ouvida. E quem era esta mulher senão a própria Clarice, assim como sua leitora, mãe de dois filhos, habitada por um sem-número de sentimentos e vozes ?

“Sentir-se útil” (JB, 24.02.68), é mais um exemplo do retorno e do diálogo mantidos com os leitores. Nele, Clarice lembra a carta recebida de uma leitora que ela denominou H.M. Novamente, o tom de cumplicidade está presente, num momento, segundo a própria autora, de reflexão em sua vida:

Exatamente quando eu atravessava uma fase de involuntária meditação sobre a inutilidade de minha pessoa, recebi uma carta assinada, mas só darei as iniciais: “Cada vez que me encontro com a beleza de suas contribuições literárias, vejo ainda mais fortalecida minha intensa capacidade de amar, de me dar aos outros, de existir para meu marido.” Assinada H.M.

Não fiquei contente por você, H.M., falar na beleza de minhas contribuições literárias. Primeiro porque a palavra beleza soa como enfeite, e nunca me senti tão despojada da palavra beleza. A expressão “contribuições literárias” também não adorei, porque exatamente ando numa fase em que a palavra literatura me eriça o pêlo como o de um gato. Mas, H.M., como você me fez sentir útil ao dizer-me que sua capacidade intensa de amar ainda se fortaleceu mais. Então eu dei isso a você ? Muito obrigada. Obrigada também pela adolescente que já fui e que desejava ser útil às pessoas, ao Brasil, à humanidade, e nem se encabulava de usar para si mesma palavras tão imponentes. (Lispector, 1999: 78)

Neste texto, pode-se observar a aproximação entre literatura e vida, tão visível para Clarice Lispector e tão tematizada em sua obra. Além disso, nota-se a cumplicidade de uma conversa entre mulheres, quando a leitora menciona seu casamento, o marido e a ajuda de Clarice e sua literatura para a citada vida conjugal. A autora destaca sua visão, naquela época, do fenômeno literário e, no final, reforça o tom íntimo e confessional ao mencionar sua adolescência e o sentimento que predominava naquele momento “mágico” da sua vida.

Texto fértil no que concerne à presença dos leitores na vida de Clarice é “Conversas” (JB, 14.09.68). Aqui, a autora relata episódio marcado por encontros com pessoas ilustres. Entre elas, citamos Ivo Pitanguí, que em uma festa na casa de Pedro e Miriam Bloch, também na presença de Guimarães Rosa, fez comentário a respeito da relação de Clarice com a escrita. Ele observou que ela parecia não querer ser uma escritora:

Em compensação estive uma vez numa festa na casa de Pedro e Miriam Bloch. Foi poucos meses antes da morte de Guimarães Rosa. Guimarães Rosa e Pedro foram comigo para outra sala, na qual pouco depois entrou Ivo Pitanguí. Guimarães Rosa disse que, quando não estava se sentindo bem em matéria de depressão, relia trechos do que já havia escrito. Espantaram-se quando eu disse que detesto reler minhas coisas. Ivo observou que o engraçado é que parece que eu não quero ser escritora. De algum modo é verdade, e não sei explicar por quê. Mas até ser chamada de escritora me encabula. Nessa mesma festa Sérgio Bernardes disse que há anos tinha uma conversa para ter comigo. Mas não tivemos. Pedi uma coca-cola, em vez. Ele estava falando com o nosso grupo coisas que eu não entendia e não sei repetir. Então eu disse: adoro ouvir coisas que dão a medida de minha ignorância. E tomei mais um gole de coca-cola. Não, não estou fazendo propaganda de coca-cola, e nem fui paga para isso. (Lispector, 1999: 136)

Neste trecho, além da presença de mais um leitor, desta vez ilustre, nota-se um comentário que também se traduz em tema recorrente no universo clariciano: o papel do escritor. Para Clarice, tratava-se de mais um motivo de dúvida, angústia e polêmica assumir-se uma escritora. Contudo, embora negasse, era lida e comentada por pessoas de diferentes áreas e perfis. Até mesmo Guimarães Rosa confessava ser seu leitor, mesmo que tomemos como realidade o fato de que sua consagração não veio em vida. Diante do comportamento da autora, podemos

indagar se Clarice não criou, de fato, uma personagem, ela própria, que teria, entre outras, a polêmica e o gosto pela reclusão como algumas de suas características:

Guimarães Rosa então me disse uma coisa que jamais esquecerei, tão feliz me senti na hora: disse que me lia, “não para a literatura, mas para a vida”. Citou de cor frases e frases minhas e eu não reconheci nenhuma. (Lispector, 1999: 136)

No mesmo texto, Clarice lembra telefonemas que recebia de madrugada. Eram de uma pessoa que a observava de um apartamento vizinho. Porém, o fato de ter mentido para ela, dizendo que ligava porque ao passar pela rua notava a luz do seu apartamento acesa, acabou afastando o admirador (e possível leitor), um oficial da marinha, da autora. Mais uma vez, fica visível que a rotina de Clarice Lispector estava longe do anonimato que ela tanto dizia precisar e até apregoava. No final do texto, voltando suas atenções para os leitores da coluna semanal do JB de forma carinhosa e íntima, confessa a impressão de que aquele espaço no jornal era apenas uma forma de “conversar” com as pessoas:

Outra pessoa que me telefonava de madrugada explicara que passava pela minha rua, via a luz acesa, e então me telefonava. No terceiro ou quarto telefonema disse-me que eu não merecia mentiras: na verdade o fundo da casa dele dava para a frente da minha e ele me via todas as noites. Como se tratava de oficial de marinha, perguntei-lhe se tinha binóculo. Ficou em silêncio. Depois me confessou que me via de binóculo. Não gostei. Nem ele se sentiu bem de ter dito a verdade, tanto que avisou que perdera o jeito e não me telefonaria mais. Aceitei. Fui então à cozinha esquentar um café. Depois sentei-me no meu canto de tomar café, e tomei-o com toda a solenidade: parecia-me que havia um almirante sentado à minha frente. Felizmente terminei esquecendo que alguém pode estar me observando de binóculo e continuo a viver com naturalidade. Como vocês vêem isto não é coluna, é conversa apenas. Como vão vocês ? Estão na carência ou na fartura ? (Lispector, 1999: 136)

No longo texto denominado “Sem título” (JB,19.06.71), Clarice, em meio a várias indagações/reflexões, responde à carta enviada de Minas Gerais por um leitor e admirador seu: Gilberto. Destaca o fato da pessoa ter assinado apenas com o primeiro nome e não ter colocado o endereço, o que segundo ela inviabilizou uma resposta pelos Correios, de forma convencional. Então, ainda segundo

Clarice, só restava o espaço do jornal para a resposta. Aqui, retorna a pergunta: não teria mesmo o leitor assinado ou a afirmativa da autora fazia parte do “jogo” que ela mesma criou, de mistério e indeterminação ? Jogo ficcional que se apresentava como o lugar ideal para abrigar uma personagem tão enigmática quanto fugidia, ela própria:

Hoje de tarde vou ter um encontro muito importante. Respeito profundamente a alma de quem eu vou encontrar. E essa pessoa me respeita muito. Talvez seja um encontro em silêncio. Mandaram-me de Minas Gerais uma carta: nela estava desenhado o meu rosto e o homem dizia que me amava com mudo fervor. Eu respondi dizendo que todo fervor é mudo. E agradei eu ser o objeto desse fervor. O desenho é muito bom. Pergunto-me se esse homem me conheceu pessoalmente, de quando eu estive em Belo Horizonte dando uma conferência. É um desenho mais fiel do que uma fotografia. E quem é Gilberto ? Que me mandou um desenho em que apareço de corpo inteiro, com um cigarro mão. Ao lado, Gilberto escreveu o título de livros meus e desenhos alusivos aos títulos. E, ao lado direito, muito juvenilmente, Gilberto escreveu: “Linda ! Fascinante ! Fatal !” Gilberto, não existe gente fatal, só no cinema mudo. O desenho também é muito bom. Você me conheceu pessoalmente, Gilberto? Desculpe, mas não me lembro de você. E você só assinou “Gilberto”, não mandou no envelope nenhum endereço, é por isso que estou respondendo aqui. Para tornar o encontro de hoje de tarde alegre vou me vestir muito bem e me perfumar. (Lispector, 1999: 355)

Ainda neste texto, fica explícita uma característica de Clarice na sua relação com os leitores: o aprofundamento dos temas. Vale dizer que, em geral, ela tomava uma palavra ou expressão citada pelo leitor e refletia a partir daí. Com o leitor Gilberto, a palavra escolhida foi “fatal”, um dos adjetivos usados pelo admirador na carta enviada à Clarice. No restante do texto, porém, continua o tom reflexivo, aliás, grande parte dele pode ser traduzido como uma reflexão da autora sobre temas como Deus, a escrita, a vida e a morte, o amor. Conforme se observa, novamente o tema da escrita e, desta vez, Clarice utiliza uma metáfora para descrever o processo criativo:

[...] Uma pessoa um dia escreveu-me : eu te deixaria por Deus. Eu entendo. Será que essa pessoa já pôde me deixar e me trocar por Deus? Ou tem saudade de mim? Creio que tem saudade de mim e que por momentos é possuída por Deus. No momento em que escrevo, minha nudez é casta. E é bom escrever: é a pedra passando enfim. Entrego-me toda a esses momentos. E possuo a

minha morte. Já tenho uma grande saudade dos que eu deixarei. Mas estou tão leve. Nada me dói. Porque estou vivendo o mistério. A eternidade antes de mim e depois de mim. (Lispector, 1999: 354)

Outra vez, a simbiose leitura/escritura indicada por Roland Barthes aparece. Em *S/Z* (1992), ele nos propõe, inicialmente, a divisão dos textos literários em textos **legíveis** e textos **escrevíveis**, considerando o fato de que um texto pode se fechar em si ou abrir-se à demanda de outra escrita. Os **legíveis**, são aqueles que podem ser lidos, mas não escritos, reescritos: os textos clássicos por excelência, que limitam o leitor no interior dos seus limites. Os **escrevíveis**, ao contrário, apresentam um modelo produtor (no lugar do modelo representacional), incentivando o leitor a abandonar sua posição tranqüila e cômoda de consumidor e se aventurar como produtor de textos. Para Barthes, o texto passa a ser um espaço multidimensional onde misturam-se e chocam-se uma variedade de escritos, nenhum deles original.

Para a autora, a escrita aqui aparece como saída, libertação, única possibilidade para explicar a vida e torná-la possível. Escrita como redenção, por isso, tão próxima, tão colada à vida e aos seus acontecimentos. O processo de comunicação de Clarice Lispector indica que ele possui o mesmo tom dos romances da autora, ou seja, as confissões aqui feitas por Clarice poderiam ser feitas por qualquer uma das personagens criadas na ficção. Não é de estranhar que as obras de Clarice convoquem seus leitores/leitoras à escrita: as cartas não nos deixam mentir e menos ainda a seleção de leitoras críticas ou críticas leitoras que cercam a obra clariciana.

Na parte final, quando se despede dos leitores, ela lembra o tempo e o espaço impostos pela mídia impressa, já que estava escrevendo uma coluna semanal:

Vou terminar agora porque tenho um espaço determinado neste jornal. Vou ler um pouco. Sobre diamantes. Numa revista italiana que diz: “Tra lê pietre preziose é la piú ricercata, é l’ Idea stessa di pietra preziosa.” (Lispector, 1999: 355-356)

É inegável a associação entre leitura e preciosidade.

Em “Quase briga entre amigos” (JB, 27.01.73), Clarice mais uma vez menciona seus leitores e a importância dos mesmos no processo de construção de sentido de um texto. Ao relatar uma conversa que teve com José Carlos Oliveira, seu colega na mídia impressa, ela explicita o que seria, então, a função do leitor:

Sou amiga de Carlinhos, ou melhor, de José Carlos de Oliveira, há muitos anos. Já vimos muito jogo de futebol na nossa televisão, quando meus filhos eram pequenos. Vou reproduzir uma das muitas conversas nossas. Essa conversa está eivada (jamais pensei que um dia usaria essa horrível palavra), está eivada de várias palavras oficialmente impubescíveis. No entanto os leitores podem suprir as lacunas com os palavrões que acharem mais adequados. (Lispector, 1999: 446).

Por fim, no texto “Cérebro eletrônico: o que sei é que é tão pouco” (JB, 13.07.68), Clarice pede “ajuda” a qualquer leitor que pudesse responder a ela, explicando o significado de “cérebro eletrônico”, sua indagação naquele momento. Estaria neste pedido de auxílio uma explicitação do seu desejo de manter contato constante com seus leitores, de trocar, de fazê-los presença importante em sua vida?

[...] Peço a quem de direito que me escreva explicando melhor o cérebro eletrônico em funcionamento. Mas peço que use termos tão leigos quanto possível, não só para que eu entenda, como para que eu possa transmiti-los com relativo sucesso aos meus leitores. (Lispector, 1999: 116)

Com o passar do tempo, na relação que Clarice estabeleceu com seus leitores, a constância e a continuidade se tornaram uma marca característica. A leitura de vários textos indica que a autora, muitas vezes, fazia referência a fragmentos escritos anteriormente, lembrando ao leitor o que havia dito. Um exemplo é “Por detrás da devoção” (JB, 02.12.67), quando Clarice volta a se referir a uma de suas empregadas, Aninha. Logo no início, se dirige aos leitores, perguntando se eles lembravam do dia em que escreveu sobre a empregada, uma mineira calada, que pouco falava. Na verdade, Lispector estava remetendo ao texto “A mineira calada”, já citado, onde descreve Aninha como uma possível leitora:

Não sei se vocês se lembram do dia em que escrevi sobre minha empregada Aninha: disse que era uma mineira que mal falava e quando o fazia era com voz abafada de além túmulo. Falei também que ela inesperadamente, enquanto arrumava a sala, me pediu com voz mais abafada ainda para ler um de meus livros, que eu respondi que eram complicados demais, ao que ela retrucou com o mesmo tom de voz que era disso que gostava, não gostava de água com açúcar. (Lispector, 1999: 49)

A maneira como começa o texto, além de revelar um tom de intimidade, indica que Clarice pensava ter conquistado um leitor fiel, que acompanhava semanalmente os seus textos, sendo até mesmo capaz de lembrar o que ela havia escrito em outros momentos. Obviamente, se era fiel e constante, estaria apto a acompanhar o relato de sua rotina de mulher, dona de casa e escritora e a participar mesmo de momentos de sua vida. Afinal, ao retornar com seus comentários, não estaria o leitor sugerindo, participando do cotidiano da autora? Assim, podemos entender a produção textual para o JB como capítulos de um folhetim, muitas vezes atualizados a partir da intervenção do público. Contudo, neste caso, a personagem principal era a própria autora, que se descobria através do outro.

Na análise de “Por detrás da devoção”, além da surpresa de Clarice com a resposta da empregada Aninha, de que não gostava de livros “água com açúcar”, destacam-se as referências que faz às suas empregadas. Ela cita, por exemplo, o diálogo que teve com Jandira, sua cozinheira, sobre o porquê de chamar Aninha de Aparecida, trocando os nomes. Segundo a “cozinheira vidente”, Nossa Senhora da Aparecida estava querendo ajudá-la e achou este modo para avisá-la, fazendo-a chamar Aninha de Aparecida. Ainda neste texto, Clarice confessa o remorso que sentia em relação às empregadas, em relação às quais sempre se considerou culpada e exploradora. Neste momento, surge uma referência à realidade cultural da época em que escrevia, muito freqüente em seus textos para jornal:

Por falar em empregadas, em relação às quais sempre me senti culpada e exploradora, piorei muito depois que assisti à peça “As criadas”, dirigida pelo ótimo Martim Gonçalves. Fiquei toda alterada. Vi como as empregadas se sentem por dentro, vi como a devoção que às vezes recebemos delas é cheia de um ódio mortal. Em “As criadas”, de Jean Genet, as duas sabem que a patroa tem de morrer. Mas a escravidão aos donos é arcaica demais para poder ser vencida. E, em vez de envenenar a terrível patroa, uma delas

toma o veneno que lhe destinava e a outra criada dedica o resto da vida a sofrer. (Lispector, 1999: 49-50)

Depois de referir-se à peça, Clarice continua sua análise sobre as empregadas que passaram por sua vida. Lembra a Argentina que a bajulava em excesso e foi embora sem sequer se despedir; uma outra, que a acompanhou aos Estados Unidos e por lá acabou ficando para casar-se com um engenheiro inglês. Também menciona a empregada, que fazia análise como “uma tal de Dra Neide” e, quando não estava bem, se tornava malcriada e revoltada demais, embora depois pedisse desculpas. Como não agüentou conviver com a instabilidade emocional, Clarice despediu-a. Neste momento, o texto revela outra marca característica da autora - o humor sutil:

Mas não havia jeito: não sou analista, e pouco podia ajudar num caso tão grave. Consolei-me pensando que ela se tratava com a Dra Neide, médica muito simpática, com quem falei uma vez por telefone para saber que atitude eu deveria tomar. Mas o pior não eram os seus inesperados altos e baixos: era a sua voz. Sou muito sensível a vozes, e se continuasse a ouvir aquele trinado histérico quem terminaria se socorrendo na Dra Neide seria eu. (Lispector, 1999: 51).

Ainda no tocante à fidelidade que caracteriza a relação de Clarice Lispector com seus leitores, que pode ser sempre relativizada pelo plano ficcional em que ocorre, o texto “Bolinhas” (JB, 09.12.67), revela uma leitora famosa, que desejava conhecer a autora: Maria Bethânia. Segundo relata Clarice, a cantora telefonou para sua casa querendo conhecê-la. Então, ela aproveita para refletir sobre o movimento de abertura e popularização que a coluna do JB estava trazendo à sua vida, afirmando ter dúvidas se queria ou não dar-se a revelar, como fazia Bethânia como artista, cantora:

[...] Maria Bethânia me telefonou, querendo me conhecer. Conheço ou não? Dizem que é delicada. Vou resolver. Dizem que fala muito de como é. Estou fazendo isso? Não quero. Quero ser anônima e íntima. Quero falar sem falar, se é possível. Maria Bethânia me conhece dos livros. O *Jornal do Brasil* me está tornando popular. Ganho rosas. Um dia paro. Para me tornar tornada. Por que escrevo assim? Mas não sou perigosa. E tenho amigos e amigas. Sem falar de minhas irmãs, das quais me aproximo cada vez mais. Estou muito próxima, de um modo geral. É bom e não é bom. É

que sinto falta de um silêncio. Eu era silenciosa. E agora me comunico, mesmo sem falar. Mas falta uma coisa. Eu vou tê-la. É uma espécie de liberdade, sem pedir licença a ninguém. (Lispector, 1999: 53)

Aqui, também observa-se a confissão de Clarice sobre o fato de que estava se sentindo cada vez mais próxima das pessoas, embora declarasse que sentia falta do silêncio. Este pode ser entendido como a necessidade de isolamento e reclusão que acompanhou a autora durante toda a sua vida. A mesma confissão está presente no texto “Familiaridade” (JB, 07.09.68), quando Clarice narra o encontro num ponto de táxi com três adolescentes. Depois de perceber que iria perder o táxi, considerando sua inabilidade para correr, resolveu comunicar, em tom nada amistoso, que embarcaria primeiro, pois era mais velha e não perderia um táxi para jovens com idade para serem seus filhos. A história torna-se secundária, uma vez que serve de pretexto para a autora mencionar, de novo, a proximidade com as pessoas, um tema recorrente :

Ando numa fase um pouco perigosa. É que estou estabelecendo contato com as pessoas com tanta facilidade que alguma ainda me acontece. Nesta fase, todo o mundo ou é meu irmão, ou meu filho, ou meu pai e minha mãe. No último domingo estive *em perigo*. Eu tentava pegar um táxi, o que nos domingos é mais difícil pois muita gente que nunca anda de táxi resolve sair do sério e tomar. (Lispector, 1999: 133)

Em “Das doçuras de Deus” (JB, 16.12.67), Lispector volta a falar da empregada Aninha, lembrando o surto psiquiátrico que ela teve e sua internação no Hospital Pinel. Neste texto, torna-se evidente uma preocupação que perpassa sua obra, presente tanto nos romances como nos contos e nos demais textos: a preocupação com o sentimento da doçura e da delicadeza que acompanham determinados momentos e situações da vida. Assim como se preocupava em tratar do tema da vida, da morte e dos mistérios que cercam o homem, ela igualmente demonstrava seu interesse pelo sentido da doçura. Foi este o sentimento que Clarice sentiu por Aninha, desde o momento que a empregada retornou das compras, carregando um saco cheio de garrafas e pedaços de papel sujo, até a hora de ser internada:

Quando dei fé, Jandira, a cozinheira vidente, tinha chamado a ambulância do Rocha Maia “porque ela está doida”. Fui ver. Estava calada, doida. E doçura maior nunca vi. Expliquei à cozinheira que a ambulância a chamar era a do pronto-socorro psiquiátrico do Instituto Pinel. Um pouco tonta, um pouco automaticamente, telefonei para lá. Também eu sentia uma doçura em mim, que não sei explicar. Sei, sim. Era de tanto amor por Aninha. (Lispector, 1999: 54)

Uma comunhão, praticamente religiosa, aproxima e envolve o mundo no amor da autora pelo mundo.

Também neste texto, depois de explicar o episódio da internação de Aninha, Clarice indica a importância e o espaço que os leitores ocupavam em sua rotina. Ao narrar que o acadêmico responsável pela internação da empregada revelou ser seu leitor, ela demonstra o amplo território ocupado pelos que liam seus textos. Afinal, seu público leitor incluía pessoas e personalidades das mais diferentes origens e procedências. De anônimos, como o citado médico, a famosos, como Tônia Carrero, Fernanda Montenegro e Maria Bethânia, eles poderiam participar do seu dia-a-dia de diversas maneiras. Dessa forma, tanto em casa ela poderia receber o telefonema de uma cantora ilustre, como ser reconhecida por um médico num hospital psiquiátrico:

... Então, telefonei para um médico amigo meu que falou com o colega do Pinel, e ficou estabelecido que ela ficaria internada até meu amigo examiná-la. “A senhora é escritora? – perguntou-me de súbito aquele que vim a saber ser o acadêmico Artur. Gaguejei: “Eu...” E ele: “É porque seu rosto me é familiar e seu amigo disse pelo telefone seu primeiro nome.” E naquela situação em que eu mal me lembrava de meu nome, ele acrescentou simpático, efusivo, mais emocionado comigo do que com Aninha: “Pois tenho muito prazer em conhecê-la pessoalmente”. E eu, boba e mecanicamente, “também tenho”. (Lispector, 1999: 54)

Diante das mais diferentes situações que retratam os encontros de Clarice com seus leitores, torna-se possível compreender que seu movimento de aproximação com eles foi inegável e até certo ponto constante e acabou gerando um diálogo que poderia ocorrer nas mais inusitadas situações. Na verdade, o leitor ocupava um espaço importante, na vida exterior e interior da autora. É quase sempre de forma carinhosa, utilizando adjetivos, que Clarice se refere ao seu público leitor. No já citado texto “Bolinhas”, menciona o interesse da “delicada

Maria Bethânia” em conhecê-la. Em “As doçuras de Deus”, lembra o “simpático e efusivo” médico.

Contudo, quando precisava responder a afirmações que julgava injustas ou inoportunas a seu respeito, Clarice mudava de tom. Foi o que aconteceu no texto “Carta atrasada” (JB, 21.02.70), quando, dirigindo-se a um crítico, a quem se refere como “Prezado Senhor X”, rebate algumas opiniões sobre *A cidade sitiada*. Aqui, acaba estabelecendo a distinção entre o crítico, um tipo de leitor especializado, e o leitor comum, aquele que só pode tomar ciência daquilo que está realizado, evidente:

O que me espanta - e isto certamente vem contra mim- é que a um crítico escapem os motivos maiores de meu livro. Será que isso quer dizer que não consegui erguer até à tona as intenções do livro? Ou o olhos do crítico foram nublados por outros motivos, que não meus? Falam, ou melhor, antigamente falavam, tanto em minhas “palavras”, em minhas “frases”. Como se elas fossem verbais. No entanto nenhuma, mas nenhuma mesma, das palavras do livro foi - jogo. Cada uma delas quis essencialmente dizer alguma coisa. Continuo a considerar minhas palavras como sendo suas. Quanto à “intenção” do livro, eu não acreditava que ela se perdesse, aos olhos de um crítico, através do desenvolvimento da narrativa. Continuo sentindo esta “intenção” atravessando todas as páginas, num fio talvez frágil como eu quis, mas permanente e até o fim. Creio que todos os problemas de Lucrecia Neves estão condicionados a esse fio. (Lispector, 1999: 272-273)

Finalmente, no texto “De outras doçuras de Deus” (JB, 16.12.67), Clarice Lispector conta aos seus leitores o desfecho da história da empregada Aninha. Depois de um período internada, pôde sair do hospital para visitar a ex-patroa. Mais uma vez, Clarice demonstra sua afeição por esta sua leitora potencial e consideração pelo leitor do JB que acompanhava o drama:

Está mais bonitinha, à custa de ter engordado com tantos soros, e tomou três choques elétricos. Achou meus filhos crescidos, e comoveu-me quando perguntou: “a senhora ainda está escrevendo?” (Lispector, 1999: 55).

Quando questionamos a existência ou não dos leitores citados por Clarice em sua coluna do JB, no momento em que se investiga a relação leitor-autor, é oportuno remeter às cartas que a autora trocou com vários “correspondentes-

confidentes”. Entre eles, o marido, Maury Gurgel Valente, os amigos Lúcio Cardoso, Bluma Wainer e Fernando Sabino, com quem manteve uma rica correspondência, sem esquecer de Manuel Bandeira e Fernanda Montenegro. Elas revelam uma Clarice bem mais comum do que o mito que se criou em torno dela, muito devido ao seu próprio esforço de se manter distante do convívio social, das festas e badalações. Além disso, quando comparadas com alguns trechos dos textos publicados no JB, em que a autora responde a um determinado leitor, percebe-se claramente que existe nas cartas aos parentes e amigos um tom ainda mais íntimo e confessional.

Para nossa análise, foram escolhidas cartas do mesmo período das crônicas veiculadas no JB, 1967 a 1973. Como as missivas foram divididas, no volume *Correspondências*, por décadas, serão aqui consideradas as cartas das décadas de 60 e 70. Primeiramente, chama a atenção o fato de que, na grande maioria delas, Clarice aborda temas ligados a sua vida profissional, incluindo comentários sobre a realidade política e cultural da época.

Em carta enviada ao filho mais novo, Paulo Gurgel Valente, que embarcou para Indiana, nos Estados Unidos, em janeiro de 1969, a fim de participar de um programa de intercâmbio estudantil, Clarice revela aspecto importante sobre os textos publicados no JB:

Minha alma:

Sou tão preguiçosa para escrever cartas que até para você eu adio. Eu telefonei porque não agüentei de saudade. Se não fosse caro, eu todas as semanas falaria com você. Estou muito orgulhosa de você. A fotografia em cores foi ótima, e aquela paisagem desolada de /inverno que você tirou está muito bonita. Na primavera não se esqueça de tirar uma fotografia do mesmo lugar. Perto de você chegar eu despeço dona Doca que está cozinhando pedras. Despedir Ângela foi uma tolice minha.

Quando demorar a receber carta, não se assuste: é que sou mesmo das que adiam a resposta. Com a graça de Deus são só seis meses – um ano eu não agüentaria.

Pedro está no mesmo, mas está em tratamento e a esperança é a última que morre. Continuo trabalhando forte para *Manchete*. As crônicas no *Jornal do Brasil* não me preocupam porque tenho um punhado delas, é só escolher uma e pronto. Além do mais, eu pretendo me “plagiar”: publicar coisas do livro *A legião estrangeira*, livro que quase não foi vendido porque saiu quase ao mesmo tempo que o romance, e preferiram este. Talvez eu receba em breve um pequeno aumento no jornal.

Silea está com muita saudade de você, e até perdeu o gosto por novela. Mandou dizer que a Veridiana estava muito doente, à morte, o prof. Renato continua cego, e o tio Paulo vai se casar com Márcia. E a mulher do prof. Renato roubou o filho da Márcia pensando que é filho do Renato. O Luisinho do Coríntians da novela morreu, mataram-no. D. Elvira continua chorando muito e Heitor ainda não morreu. Silea disse que a casa não é a mesma sem você, e que você volte logo... (Montero, 2002: 276)

Nesta correspondência, pode-se localizar alguns temas recorrentes da autora, que estiveram presentes nos textos do JB, como a relação com as empregadas e as dificuldades financeiras que enfrentava. Além de desabafar sobre a doença do filho mais velho, Pedro, Clarice confessa ao caçula que não se preocupava tanto com os textos que deveria produzir semanalmente para o jornal. E aí revela que aproveitava trechos já escritos e citou mesmo o aproveitamento feito de *A legião estrangeira*. Contudo, mesmo confessado, este aproveitamento não diminui a importância do diálogo com os leitores e a repercussão deste diálogo na sua escrita. Afinal, por que não podemos acreditar que o movimento inverso tenha sido realizado, ou seja, que os textos do Jornal tenham sido aproveitados na sua ficção? Para entender o movimento de uma autora que confessava o próprio “plágio”, que não negava suas intenções, nada pode ser considerado de forma exclusiva.

Entre as cartas da década de 70 destaca-se a recebida por Clarice Lispector da amiga Marly de Oliveira, casada com o poeta João Cabral de Melo Neto. Afilhada de casamento da autora, conviveu mais proximamente com ela na década de 60 e divulgou sua obra na América Latina e na Europa, no período em que morou nestes continentes. Na carta enviada à Clarice de Genebra, em 13 de março de 1972, Marly elogia os textos publicados pela autora no jornal:

Minha Claricinha muito querida,
Estou esperando com enorme ansiedade pelo seu novo livro. Achei excelentes seus últimos textos no *Jornal do Brasil* e é impressionante a repercussão que eles têm nas pessoas sensíveis que os lêem. Ouvi falar em você com muito carinho hoje, aqui em casa pela embaixatriz Glória Guerreiro, quando viu seu retrato na minha estante. Emprestei-lhe *Laços de família*.
Não sei se você terá recebido um cartão que lhe mandei há tempo. Sabe que no momento em que lhe escrevia, não sei por que, não me conseguia lembrar do nome de Silea: só por isso não mandei um beijo para ela. (Montero, 2002: 283)

Também entre as cartas da década de 70 deve ser destacada a recebida por Clarice Lispector de Alberto Dines, seu editor no *Jornal do Brasil*, em 20 de julho de 1973. Mais uma vez, observamos um comentário de um leitor ilustre sobre sua obra, especificamente sobre o romance *Água viva*:

Li o seu livro de um jato só. Sem parar. É curioso, pois sem nenhum “plot” ele tem um suspense próprio, transmite grande carga de uma ansiedade pelo que de bonito você vai dizer no parágrafo seguinte. Sabemos que não há um desfecho mas corremos até o fim em busca dele. E então é aquele suspiro final. Acho-o maravilhoso. É um contato com o bonito-puro. E isto dito por mim tão pouco abstrato, tão “operacional” mesmo na minha atividade como escritor, é muito significativo. Você venceu o enredo, libertou-se do incidente, do evento, do acontecimento. Mas mesmo sem estes o livro prende e se enovela porque dentro da abstração há uma série de vivências muito nítidas e muito lindas. A gente vai encontrando a todo instante situações-pensamento e vai se identificando com elas como se o livro tivesse personagens, incidentes, tudo. Eu pessoalmente me liguei a uma dúzia deles. (Montero, 2002: 285)

Entre os leitores e Clarice, que com ela trocavam cartas, relacionados em *Correspondências*, estão: Carlos Drummond de Andrade, que em carta remetida à autora em maio de 1974, expressou a admiração pela sua obra; Lygia Fagundes Telles; Andréa Azulay, filha do psicanalista da autora; Maria Bonomi, comadre de Clarice. O mais importante é perceber o quanto Clarice Lispector gostava de se comunicar com as pessoas, todos confessos seus leitores, e comentar sobre assuntos variados, desde a situação política cultural da época e problemas da vida doméstica aos problemas com a escrita e a ficção.